

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: O USO DE PERSONAGENS NO JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DA OBRA “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ”, DE ELIANE BRUM

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

SUBÁREA: COMUNICAÇÃO SOCIAL

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

AUTOR(ES): JÉSSICA DÍEZ CORRÊA

ORIENTADOR(ES): ANDRÉ CIOLI TABORDA SANTORO

Realização:



Apoio:



O USO DE PERSONAGENS NO JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DA OBRA “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ”, DE ELIANE BRUM

Jéssica Díez Corrêa

Prof. Dr. André Cioli Taborda Santoro

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo

O presente artigo científico possui como objetivo principal esclarecer como se dá o uso do artifício personagem na prática do jornalismo literário, assim como caracterizar quais são as vantagens de um autor ao fazê-lo. Com o intuito de trazer exemplos atuais a esta vertente jornalística, optou-se por usar como objeto de estudo do trabalho quatro crônicas-reportagens selecionadas a partir da obra intitulada “A vida que ninguém vê”, da jornalista e escritora Eliane Brum. Os textos são: Enterro de Pobre; Adail quer voar; Depois da filha, Antonio sepultou a mulher; e O dia em que Adail voou. A pesquisa utilizará o estudo sobre personagem dos teóricos Antonio Candido (1998) e E. M. Forster (1974) para mostrar como as fontes jornalísticas de Brum se comportam como seres ficcionais ao tornarem-se protagonistas de suas próprias histórias e, assim, representam a complexidade da natureza humana. A partir de uma maneira singular de narrar o fato, Brum transmite a seus textos uma vertente humanizadora que garante maior empatia de seus leitores. O “olhar atento” da autora ao criar suas reportagens será identificado e analisado para que, desse modo, seja mais fácil o entendimento de como se dá a transformação de fontes e entrevistados em personagens complexos, reais e cheios de nuances.

Palavras-chave

Jornalismo; literatura; personagem.

Abstract

This paper aims, as its primary objective, to clarify how characters can be used in the making of literary journalism, so as to characterize what are the advantages an author can obtain by doing that. With the intention of bringing several actual examples of this practice of journalism, we have chosen to use four chronicles-articles selected from the book “A vida que ninguém vê”, written by the journalist and writer Eliane Brum. The texts are entitled: Enterro de Pobre; Adail quer voar; Depois da filha, Antonio sepultou a mulher; and O dia em que Adail voou. The paper will also use the study of characters of the theory writers Antonio Candido (1998) and E. M. Forster (1974) as a tool to show how Brum’s journalistic sources behave as fictional characters as they become the protagonists of their own stories and, by that, represent the complexity of human nature. With an unique way to narrate the fact, Brum is able to transmit to her texts a human slope that guarantee bigger appeal to her readers. Brum’s “watchful eye” used to create her articles will be identified and analyzed so we can more easily understand how the transformation of sources into real characters full of deepness takes place.

Keywords

Journalism; literature; characters.

“Mas é tudo tão verdade que parece mentira, lembra a ficção.”

(Eliane Brum)

INTRODUÇÃO

A escrita, seja ela jornalística ou literária, é uma forma de expressão humana, portanto não se isenta de características comuns que formam a sociedade. Ambas dividem o mesmo instrumento fundamental e, de certa maneira, completam-se, uma por sua objetividade e outra por sua subjetividade. O jornalismo literário surge como um estilo próprio de escrita, e a coesão existente na mistura desses dois gêneros faz com que o leitor se insira na história a partir do olhar do outro e, dessa maneira, se deixe conquistar, criando um vínculo afetivo com a história narrada.

Machado de Assis, João do Rio, Almeida Garret, Rubem Braga, Mauro Quintana, Lima Barreto. Todos os citados possuem algo em comum: em algum momento de suas vidas, exerceram o jornalismo. Pode-se até afirmar que os escritores foram os primeiros jornalistas, pois, na época, também lhes cabia essa tarefa, uma vez que eram poucos os que possuíam domínio da norma culta da língua e uma dose extra de criatividade para a narrativa de histórias. A escritora Cristiane Costa (2004), na sua obra “Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil - 1904-2004”, afirma:

O que é um autor jornalista e o que é um autor literário? (...) Se na fase dos grandes publicistas, como Hipólito da Costa; dos políticos-jornalistas-escritores, como José Bonifácio; e mesmo na dos polígrafos, como Olavo Bilac, os dois tipos de homens de letras ocupavam praticamente o mesmo espaço no jornal e na vida literária, a partir da virada do século XX a literatura se constituiu como um campo separado, em que um ideal de arte pura e desinteressada se contrapõe à possibilidade de profissionalização, sinônimo de massificação, do texto jornalístico. Aos poucos, os escritores começam a se afastar e a serem afastados do jornal. O processo se exacerba a partir do *great divide* modernista, entre as décadas de 20 e 50, que, não por acaso, coincide com o primeiro boom do mercado editorial brasileiro e com a crescente industrialização dos jornais. Mas já nas respostas à questão de João do Rio sobre a influência do trabalho na imprensa nas obras literárias é possível verificar uma certa ansiedade de contaminação entre os reinos da arte e da técnica. (COSTA, 2005, p. 13)

Ao longo do tempo, a profissão jornalística foi se aperfeiçoando e surgiram os profissionais especializados. De acordo com Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004), no conhecido livro “Elementos do Jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir”, a função do profissional do jornalismo é levar ao leitor informação sobre sua realidade, para que este possa, então, autogovernar-se. Alguns são mestres em trazer esses fatos cotidianos com clareza e objetividade; outros, os jornalistas literários, apresentam um método singular para contar suas histórias. Neste segundo grupo de jornalistas se encaixa a gaúcha Eliane Brum.

Marcelo Rech, ex editor-chefe do jornal onde a autora praticava o jornalismo, no epílogo de uma das obras de Brum, a descreve como dona de um talento sensitivo e de uma empatia enigmática. “Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto.” (RECH, 2006) Brum iniciou sua carreira no jornal porto-alegrense “Zero Hora”, onde trabalhou por 12 anos e criou a coluna “A vida que ninguém vê”, com o objetivo de trazer dramas de desconhecidos e, assim, estimular a ruptura do senso comum, que enxerga apenas a imagem das grandes personagens da vida pública. O jornalismo literário, instrumento de trabalho de Brum, se apropria de elementos específicos da literatura para conferir à narração um aspecto mais literário, que envolve o leitor, ressalta, fortalece e ilustra o fato jornalístico. Uma característica, em especial, é muito utilizada para o desenvolvimento do texto que articula fato e ficção: o uso de personagens.

O autor Antônio Candido (2011) afirma: “É, porém, a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza”. A despeito do apontamento do autor, que destaca a importância da personagem em textos de ficção, o recurso tem uma utilidade importante nos textos de jornalismo literário, uma vez que humaniza a situação narrada por meio de histórias de vida e imaginação pessoal. Esse feito tem o poder de inserir o leitor no mundo literário e, ao mesmo tempo, trazer um elemento real, humano e conhecido. A bagagem do leitor, suas experiências e histórias de vida também interferem na maneira de enxergar uma personagem, de reconhecer-se no que está lendo, embora esse não seja o único resultado dessa estratégia. Beth Brait discorre sobre isso em seu livro “A Personagem”:

Mas, se a construção de uma personagem, o conjunto de traços que compõem a sua totalidade permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor, dos códigos utilizados em determinados momentos para a viabilização dessas leituras, isso não significa que a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor. (BRAIT, 1998, p. 67)

O estudo aqui proposto tem como objetivo identificar e entender de que maneira se dá o uso de personagens nas matérias de jornalismo literário e como os mesmos podem aproximar o leitor do fato narrado e, assim, trazer empatia à história. Para realizarmos tal objetivo, teremos como objeto de estudo quatro textos do livro “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum. São eles: “Adail quer voar” e “Enterro de pobre”, assim como suas continuações, “O dia em que Adail voou” e “Depois da filha, Antônio sepultou a mulher”, respectivamente.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A relação intrínseca entre Jornalismo e Literatura

Jornalismo e literatura andam de mãos dadas desde a vinda da família real portuguesa para o Brasil no século XIX, quando livros e jornais passaram a sair da mesma prensa. A linha entre ambos é tênue, uma vez que a fronteira que os separa é permeável e permite uma saudável convivência. (SCLIAR, 2002) Se na literatura o fator imperativo é o pacto que o texto firma com seu leitor, no jornalismo o essencial é o pacto com a verdade dos fatos. “Acreditamos que, no que se refere ao mundo real, a verdade é o critério mais importante e tendemos a achar que a ficção descreve um mundo que temos de aceitar tal como é, em confiança”. (ECO, 1994) Cristiane Costa documenta que, na virada do século XIX para o século XX, muitos escritores tinham, no jornalismo, a porta de entrada, “a divulgação e até a instância de consagração de seus nomes.” (COSTA, 2005) Foi o caso de inúmeros literatos brasileiros que encontraram nos jornais o espaço inicial para a publicação de seus textos.

A fim de caracterizarmos o termo jornalismo literário, é preciso, primeiramente, definir a que se referem as palavras *jornalismo* e *literatura*, separadamente.

1.1. Literatura

De acordo com Antonio Candido, cunhador do termo “sistema literário”, a obra literária deve ser interpretada como uma realidade, “cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não literários: impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador.” (CANDIDO, 2009) Candido define literatura como:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 1995, p. 174)

O autor caracteriza a literatura como expressão humanizadora, cujas produções assumem a visão de mundo de quem a escreve, suas reflexões e emoções. Assim, pode-se afirmar que a literatura não diz respeito aos fatos, mas à imaginação de seu escritor. A escrita literária deve ser vista como um poderoso instrumento de educação e instrução que tem papel formador de personalidade, através da força da realidade.

Em contrapartida, o escritor Terry Eagleton, em *Teoria da literatura, uma introdução*, faz uso do artifício da linguagem para caracterizar o objeto literário:

Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou 'imaginativa', mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma 'violência organizada contra a fala cotidiana'. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. (EAGLETON, 1997, p. 2)

Eagleton afirma que o fato da linguagem literária se distanciar do discurso cotidiano é problemático. Para ele, a definição de literatura depende da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido.

José de Nicola, escritor e professor de literatura, também acredita que o que torna um texto literário é a função poética da linguagem que "ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significado." (NICOLA, 1998) Isso significa que o autor enxerga o texto literário como o exercício de compor escritos artísticos usando uma linguagem que não se usa cotidianamente. Essa linguagem é carregada de uma pluralidade de significados e pode ser caracterizada como conotativa. Além disso, Nicola enfatiza que não apenas o aspecto formal é significativo na composição de uma obra literária, como também o seu conteúdo.

De qualquer forma, a literatura, principalmente a partir do século XX, favoreceu a criação de uma gama vasta e representativa, onde há espaço para autores de imaginação fértil, para a criação de mundos fantasiosos, reflexões internas, misticismo e pontos de vista diversificados sobre o que acontece no mundo (seja ele abstrato ou real). Enfim, para a arte documentada por meio de texto.

Para esse artigo, qualificaremos o gênero literário como uma mistura das características presentes nas definições apresentadas pelos três autores mencionados, Candido, Eagleton e Nicola. Para que um texto seja considerado literatura, é necessário o uso de elementos ficcionais que criam uma boa história; elementos da cultura do provável leitor, para garantir sua identificação com o tema lido; e linguagem comum transformada em linguagem poética carregada de significado.

1.2. Jornalismo

Desde que a imprensa brasileira, no final dos anos 40, passou a adotar a cartilha da escola norte-americana para a prática jornalística, a objetividade é o principal conceito relacionado à compreensão do jornalismo como campo autônomo de produção de conhecimento. (AMARAL, 1996) Isso significa que a função primeira do jornalista é transmitir a informação de maneira clara, ética, acessível e imparcial, sempre pensando no interesse do público.

O jornalista possui um papel fiscalizador, filtro de tudo o que acontece de relevante e que deve ser transmitido à sociedade. Por isso, o jornalismo é considerado a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias; ou que comentam os fatos do momento. (KOSZYK E PRUYS, 1976, p. 146)

O jornalismo contribui também para conferir um sentimento de unidade à nação. Quando assistimos a um jornal televisivo, por exemplo, nos solidarizamos pelas pessoas que sofreram qualquer espécie de apuro, pois, como sociedade, nos preocupamos com as questões que podem nos afetar coletivamente. Eugênio Bucci, jornalista que usou o meio televisão como objeto de estudo, afirma que a TV (assim como outros veículos de comunicação) é fator de integração nacional, reprodutora da imagem do país e delimitadora do espaço público da população.

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. (...) O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. (...) Dentro desses limites, o país se informa sobre si mesmo, situa-se dentro do mundo e se reconhece como unidade. (BUCCI, 1997, p. 11).

Assim, o jornalista se faz essencial no desenvolvimento e bom funcionamento de uma sociedade, uma vez que, através de um recorte específico que faz da realidade, traz aos consumidores a informação que, segundo seu julgamento, lhes é necessária.

Nessa definição, o entretenimento se separa do jornalismo. Aqui, não há lugar para imaginação: a busca pelo fato predomina e guia a prática jornalística. Dilemas sobre a vida privada de determinado personagem não ganham espaço em uma capa de jornal. A vida romanceada não interessa ao jornalismo praticado atualmente no país. Além disso, a linguagem não possui múltiplos significados; pelo contrário: é de fácil entendimento, para que não haja nenhum termo de sentido dúbio que possa colocar em cheque a neutralidade do veículo que transmite a informação.

1.3. Jornalismo Literário

O autor Victor Hugo, em sua obra *Os Miseráveis*, publicada em 1862, fazia uso de artifícios da literatura, como os personagens complexos e humanos, para retratar a história da França do século XIX entre duas grandes batalhas: a Batalha de Waterloo (1815) e os motins de junho de 1832. Aqui no Brasil, o ex-repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha, publicava, na virada do século XX, a obra *Os sertões*, que retratava a Guerra de Canudos, fato real que aconteceu entre os anos 1896 e 1897 no interior da Bahia. Ambos são expressões do jornalismo literário, que faz uso de artifícios originários da literatura para

atrair leitores, ao mesmo tempo em que informa sobre algo verídico acontecido em determinado período.

Atualmente, o jornalismo literário não ocupa lugar de destaque nas bancas do país. Como dito anteriormente, o Brasil se apropriou do modo de escrita norte-americano, onde a objetividade impera na narração de um fato jornalístico. A revista *piauí*, entretanto, é uma das poucas que tem conquistado seu espaço no segmento alternativo do jornalismo literário.

A revista *piauí* (...) se identifica com várias características do jornalismo literário. Percebe-se, nas reportagens analisadas, uma preocupação em informar – objetivo próprio do jornalismo - aliada à ênfase nos meios de expressão – característica própria da literatura. Mais do que informar, a revista propõe um entendimento acerca da contemporaneidade, rompendo com o conceito da atualidade e fugindo dos definidores primários. (PIAUI, 2009, online)

Podemos caracterizar o jornalismo literário como um gênero que se distingue completamente dos dois outros previamente apresentados, jornalismo e literatura, formando um completamente novo, uma mutação que agrega expressividade à informação.

Assim, defino o jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim da verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 11)

O que Pena quer dizer ao citar essa metamorfose entre jornalismo e literatura é que com o jornalismo literário os recursos utilizados para a prática jornalística podem, e devem, ser potencializados, ultrapassando os limites dos acontecimentos do dia-a-dia a fim de proporcionar uma visão mais rica e ampla da realidade. O jornalismo literário ainda mantém premissas técnicas do jornalismo diário. A apuração rigorosa, a abordagem ética e a observação atenta prevalecem, porém as características periodicidade e atualidade não são mais essenciais para que se crie um texto de qualidade.

O jornalismo literário rompe as correntes do lide. Segundo Walter Lippman, jornalista estadunidense, a estratégia possibilitaria certa cientificidade nas páginas dos jornais, amenizando a influência da subjetividade através de um recurso muito simples. Logo no primeiro parágrafo de uma reportagem, o texto deveria responder a seis questões básicas:

Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê? Usando essa cartilha pré-definida, “a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa.” (PENA, 2006)

É necessário esclarecer que o jornalista literário não cria enredos ou distorce os fatos, apenas faz uso de elementos textuais para enriquecer sua produção e humanizá-la. O uso desses artifícios traz à tona sentimentos e percepções do leitor, criando, assim, um elo com a história narrada. O jornalista e professor universitário José Marques de Melo faz referência a esse processo como um tratamento ficcional ao nível do discurso – e não do fato em si:

Trabalhando com a atualidade como seu marco definidor, o jornalismo circunscreve-se ao âmbito do real, ainda que, em alguns momentos, possa dar tratamento ficcional (ao nível do discurso) a fatos concretos do cotidiano. Isso, todavia, não pode conduzir à inclusão de mensagens de ficção publicadas em jornais como se fossem jornalísticas. (MELO, 1985, p. 35)

Os textos da obra *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum, foram escolhidos como objeto de estudo do presente artigo, pois a escritora consegue, por meio de crônicas-reportagens, penetrar nas características sensíveis e humanas do leitor, fazendo uso de elementos literários ao mesmo tempo em que informa sobre o fato narrado.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verborragia, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série... Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para escutar o silêncio. (BRUM, 2006, p. 191)

O ato de “escutar o silêncio” a que se refere a autora é outra marca distintiva do jornalismo literário, que está intimamente relacionada ao uso de personagens.

2. Personagem

O conceito de personagem é discutido desde o século 4 a.C., quando o pensador Aristóteles qualificou o termo como um “meio de representação”, ou seja, uma estratégia para a construção narrativa. Mais de dois milênios depois, o tema continua sendo abordado por estudiosos da escrita literária. O já citado Antônio Candido enxerga a personagem como item primordial em uma história ficcional de qualidade:

(...) os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, que representam o seu significado – e que são, no conjunto, elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis,

nos romances bem realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão efetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. (CANDIDO, 2011, p. 54)

O que se pode observar é que a personagem é sempre baseada na realidade, porém o autor utiliza recursos para ficcionalizá-la. Assim sendo, a personagem seria um “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação”. (BRAIT, 1985) Conclui-se, portanto, que a personagem é uma representação da pessoa “de carne, osso e sentimentos”. Corresponde a um imaginário popular, uma ideia de personalidade muitas vezes já estereotipada pela cultura. A personagem é a caricatura do real. São elas que vivenciam as experiências que serão narradas e, conseqüentemente, é por meio delas que o leitor experimenta a narrativa.

É perfeitamente possível que haja referência indireta a vivências reais [no texto literário]; estas, porém, foram transfiguradas pela energia da imaginação e da linguagem poética que visam a uma expressão ‘mais verdadeira’, mais definitiva e mais absoluta do que outros textos (CANDIDO, 1998, p. 14).

Eliane Brum altera o mecanismo de verossimilhança até então utilizado para personagens quando apresenta, em seus textos, protagonistas reais, porém irrelevantes para a sociedade e os insere em uma narrativa rica e complexa.

Um segundo conceito de personagem que será utilizado para análise do objeto de pesquisa deste artigo provém do autor da clássica obra de teoria literária *Aspectos do Romance*, Edward Morgan Forster. No livro, Forster trabalha, de forma simples e bem-humorada, com as principais categorias que compõem um romance, assim como as personagens: estória, enredo, ponto de vista, padrão, ritmo e etc.

Ao classificar as personagens, ou pessoas, Forster insere a seguinte questão: Qual é a diferença entre as pessoas da vida real e as pessoas dos livros? Para isso, segundo ele, existem duas respostas. No entanto, aqui trabalharemos apenas com a resposta psicológica, que afirma que enquanto nossa vida secreta é invisível (não é possível conhecermos inteiramente nem os nossos sentimentos, nem os sentimentos dos nossos relacionamentos), a vida secreta dos personagens é visível. Conhecendo o âmago de pensamentos, sentimentos e sensações das pessoas ficcionais, temos um enredo mais real e impactante que a própria vida. É mais fácil emocionar-se lendo um livro que lendo uma notícia no jornal do dia. Sobre isso, Forster discorre:

Isso que chamamos de intimidade não passa de uma improvisação; o conhecimento perfeito é uma ilusão. Nos romances, porém, conseguimos conhecer as pessoas perfeitamente, e, além do prazer normal da leitura, podemos encontrar aqui uma compensação pela falta de clareza da vida. Neste sentido, a ficção é mais verdadeira do que a História, porque ultrapassa as evidências, e todos nós sabemos por experiência própria que existe algo além das evidências. (FORSTER, 2005, p. 86-87)

Outro conceito de Forster amplamente utilizado até os dias atuais nos manuais de literatura provém de dois termos: personagens redondos e planos. Essas palavras se referem ao grau de imersão que determinado personagem pode chegar em um romance. Os personagens planos são mais simples e se mantêm iguais ao decorrer de toda a narrativa, são facilmente identificáveis e previsíveis ao leitor. Os personagens redondos, por sua vez, são construídos no decorrer da trama, podem transformar-se e possuem maior densidade psicológica. São, também, mais verossímeis e complexos.

Ambos têm sua função nos romances: os planos tendem a trazer humor, os redondos tendem a trazer drama. Entre os exemplos utilizados pelo próprio Forster sobre como esses personagens são usados estão autores como Jane Austen (que usa os dois tipos), Charles Dickens (que usa apenas os planos) e os romancistas russos (que usam apenas os redondos).

É com base na premissa de que personagens planos podem tornar-se redondos através do olhar da autora gaúcha Eliane Brum que iremos direcionar a análise da obra “A vida que ninguém vê”.

3. Vida e obra de Eliane Brum

Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista, nascida em Ijuí, Rio Grande do Sul, no ano de 1966. Por insistência de um professor, finalizou o curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Destacou-se e, graças a um texto publicado na faculdade, garantiu um estágio na publicação Zero Hora no ano de 1988. Lá, foi efetivada e tornou-se repórter das editorias Geral e Polícia. Ficou no jornal por 11 anos. Desde sua primeira grande reportagem, Brum já mostrou que possuía um método não convencional de abordar suas pautas. Suas primeiras matérias eram muito bem recebidas na redação e, assim, a repórter começava a conquistar o seu espaço.

Em 1994, refez a marcha da histórica Coluna Prestes, que lhe rendeu o livro-reportagem “Coluna Prestes: o avesso da lenda”, pelo qual recebeu o prêmio Açorianos de autora-revelação. Eliane percorreu 25 mil quilômetros e, pelo caminho, entrevistou 100 pessoas que testemunharam a passagem da Coluna pelas cidades do Brasil. Já no final dos anos 90,

Eliane foi convidada a assinar a coluna “A vida que ninguém vê”, publicada no jornal gaúcho. A proposta de seus textos era trazer pessoas desconhecidas e fatos não noticiosos para o conhecimento de seu público de leitores, com a intenção de romper com estereótipos da sociedade e fazê-la enxergar esse grupo de personagens emblemáticos, “os zé-ninguém”, sob uma nova perspectiva. Os textos publicados na coluna tornaram-se a coletânea de mesmo nome “A vida que ninguém vê”. A obra foi reconhecida com o Prêmio Jabuti 2007 de melhor livro de reportagem.

Brum deixou o Zero Hora em janeiro do ano 2000. Mudou-se para São Paulo e trabalhou por 10 anos na revista “Época”. Lá, tratou de temas do cotidiano, sempre inserindo um olhar mais subjetivo do fato narrado. Escreveu, também semanalmente, para o site Vida Breve. Atualmente, mantém uma coluna quinzenal no site do jornal El País, além de trabalhar como freelancer. Participa de festivais literários e ministra palestras e oficinas sobre reportagem para estudantes de jornalismo.

Em sua obra bibliográfica também se constituem os livros “O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real”, que retrata os bastidores de 10 reportagens jornalísticas, acentuando os dilemas, os medos e os erros dos repórteres; e seu primeiro romance ficcional, “Uma Duas”, cuja história gira em torno do relacionamento entre mãe e filha, e da dificuldade do desprendimento da filha em relação à sua mãe. Além disso, Brum lançou a coletânea de crônicas “A Menina Quebrada”, em julho de 2013, que recebeu o Prêmio Açorianos de Melhor Livro do Ano, e publicou “Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras”, em abril de 2014, quinto livro mais vendido na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty). Em paralelo, Eliane participou de diversas coletâneas, entre elas o livro “Dignidade”, que aborda os 40 anos da organização Médicos Sem Fronteiras.

Como documentarista, participou dos documentários “Uma história Severina” (2005), que conta a saga de uma mulher pernambucana, pobre e analfabeta, grávida de um feto anencéfalo, em busca de autorização judicial para interromper a gestação; e de “Gretchen Filme Estrada” (2010), cuja produção retrata a última turnê por circos mambembes do semiárido nordestino e a primeira campanha política da rainha do rebolado à prefeitura da Ilha de Itamaracá, em Pernambuco.

Até o presente momento de sua carreira. Eliane Brum já ganhou mais de 40 prêmios de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”. Foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o Prêmio

Comunique-se. Por três vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa. Recebeu três vezes o Prêmio Cooperifa, “por ajudar, com suas ações, a construir uma periferia melhor para viver”, e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae, concedido a pessoas e entidades que, com seu trabalho, têm conseguido “mudar a realidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas e do planeta”.

3.1. “A vida que ninguém vê”

O jornal de Porto Alegre Zero Hora é uma das publicações diárias de maior circulação no Brasil. Fundado em 1964, o ZH foi palco da ascensão jornalística de ilustres escritores contemporâneos, entre eles Eliane Brum.

No ano de 1998, Marcelo Rech, então editor do jornal, chamou em sua sala Brum e a fez um desafio: criar crônicas que contassem a vida de pessoas comuns. Dessa maneira, surgiu “A vida que ninguém vê”, publicada nas edições de sábado do ZH. A essência da coluna parte da premissa de que a notícia está em todo lugar. As crônicas-reportagens de Brum têm como protagonistas de suas histórias pessoas invisíveis aos olhos da sociedade. Os fascinantes relatos retratam desde o mendigo que jamais pediu coisa alguma, até o carregador de malas do aeroporto que nunca voou. Vai do macaco que, ao fugir da jaula, foi ao bar beber uma cerveja ao álbum de fotografias atirado no lixo que começa com uma moça de família e termina com uma corista.

A sensibilidade da prosa da cronista, assim como a agudeza de seu olhar, criou uma série de textos comoventes que, nas mãos da editora Arquipélago Editorial, transformou-se no livro “A vida que ninguém vê”. A obra reúne as 21 melhores colunas do ZH, acrescidas de dois textos que revelam o “dia seguinte” de personagens emblemáticos da série de reportagens: Adail e Antônio. As histórias desses dois personagens, assim como suas continuações serão o objeto de estudo da análise deste artigo.

O principal foco da reportagem “Adail quer voar” provém do desejo do carregador de malas de aeroporto Adail em viajar em uma aeronave, já que, ironicamente, nunca esteve em uma. Adail vira personagem novamente, em “O dia em que Adail voou”, quando uma companhia aérea, então, decide patrocinar o sonho do gaúcho. O texto “Enterro de pobre”, por sua vez, narra a história de Antônio, que se vê enterrando a filha recém-nascida. A autora Brum afirma que não há nada mais triste do que enterro de pobre, já que o pobre começa a ser enterrado ainda vivo – engolido pelo mundo. A saga de Antonio continua cinco dias depois, com “Depois da filha, Antônio enterrou a mulher”. Nela, sua mulher morre de um acidente vascular cerebral devido ao sangue perdido na complicação do parto. Antônio, resignado, tem sua dor traduzida para o papel de maneira sensível e profunda, através da maestria de Brum ao lidar com questões que preenchem a mente humana.

MÉTODO

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo a obtenção de resposta para a seguinte pergunta-problema: “Como se caracteriza o uso de personagens na obra de jornalismo literário ‘A vida que ninguém vê’, da autora Eliane Brum?”. Com o intuito de focar e desenvolver de maneira mais profunda o trabalho, optou-se por afinar a pesquisa, usando apenas quatro textos da obra de Brum como objeto de estudo do artigo: Enterro de Pobre; Depois do filho, Antonio sepultou a mulher; Adail quer voar; e O dia em que Adail voou. A pesquisa foi feita de maneira bibliográfica e qualitativa, isto é, com base na leitura e análise dos textos usados como referência bibliográfica e referencial teórico. Os seguintes eixos foram desenvolvidos:

- Leitura e análise dos conceitos de Jornalismo Literário e Personagens, propostos nos livros usados como referência.
- Leitura e análise da obra ‘A vida que ninguém vê’, da jornalista e cronista gaúcha Eliane Brum.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. “Adail quer voar” e “O dia em que Adail voou”

Adail José da Silva, negro, pobre, natural de Canela e, desde 1963, habitante da cidade de Rio Grande. O “negão”, como é chamado pelos seus fregueses, trabalha como carregador de malas no aeroporto Salgado Filho há 36 anos, mas nunca pôde realizar o sonho de viajar em um avião. Assim somos apresentados ao personagem principal dessa história, e um dos mais icônicos já relatados por Brum. A ironia presente no fato do funcionário de aeroporto que tem como sonho algo tão próximo de sua realidade, mas ainda sim distante a ponto de não poder vivenciá-lo, é a trama principal que rege essa história.

Já nos primeiros parágrafos do texto “Adail quer voar”, Eliane Brum adquire uma posição de narrador onisciente, que conhece bem os conflitos internos de seu personagem, a fim de mostrá-lo não apenas como fonte, mas como um ser humano, passivo de sentimentos. Tal característica, apesar de frequente em obras literárias, não é usada no *new journalism*, ou jornalismo objetivo, uma vez que para a boa cobertura de uma notícia é necessário mencionar fatos, e não sentimentos.

Chegou apavorado porque o único avião que vira na vida estava espatifado nas encostas de Canela, pássaro decaído que durante semanas hipnotizou uma legião de colonos que só voavam com os dois pés no chão. Chegou com a mala vermelha, de couro, meia dúzia de tarecos dentro, grudada no

corpo. Estaqueou na porta do aeroporto, naquele tempo metade do que é hoje, mas já enorme para ele. E se recusou a entrar. (BRUM, 2006, p. 28)

Nesse trecho, se faz presente a figura do medo de Adail diante de uma nova realidade, mencionada de maneira direta por meio do adjetivo “apavorado”, e indiretamente pelo relato de ações que podem indicar o seu receio, como a mala vermelha “grudada no corpo” e o fato de se recusar a entrar em um aeroporto que seria, naquela época, pequeno, mas já “enorme para ele”. Ao retratar Adail assim, um homem cheio de aflições, Brum garante a empatia do leitor logo na primeira página, já que pode se identificar em Adail. Desta maneira, a autora faz uso do conceito de Forster de que, para tornar um enredo jornalístico mais interessante, real e impactante, é primordial termos consciência das emoções de nossos personagens, a fim de humanizá-los. Brum usa desse artifício para tornar a história que narra mais emocionável, pois, como já citava Forster, é mais fácil emocionar-se lendo um livro que lendo o jornal.

Posteriormente à introdução que a autora faz ao personagem de sua história, o texto se torna uma entrevista, um dos artifícios mais comumente utilizados pelo jornalismo. Porém, diferentemente do hábito jornalístico, Brum faz perguntas abstratas e mais referentes ao campo das ideias e dos sentimentos (exemplificadas em “O que é chato nessa vida?” ou “Como o senhor acha que é voar?”), e não se atem tanto aos fatos. Aliás, essa é uma das premissas da coletânea A vida que ninguém vê: os fatos não ocupam lugar de destaque e, muitas vezes, nem sequer existem; os textos são apenas histórias comuns, banais, e o real destaque está nas pessoas apresentadas por meio deles. Também ao utilizar esse recurso, percebemos a aproximação da escritora na história, que incluso se torna parte dela como coadjuvante.

No decorrer da entrevista, conhecemos ainda mais do perfil de Adail e descobrimos sua motivação para sonhar com a viagem de avião: quer ir à cidade de Aparecida, em São Paulo, pagar uma promessa que fez a Nossa Senhora há 15 anos, por ter lhe curado a perna.

- O senhor quer voar?
- É o meu sonho. Mas perdi a esperança. Pobre não voa.
- Queria voar para onde?
- Pra Aparecida, pagar uma promessa. Faz 15 anos que prometi que ia até lá se Nossa Senhora curasse a minha perna. Quase nem caminhava mais. Ela curou. Eu tentei ir com a minha senhora, Maria Cedir, mas nem de ônibus dá o dinheiro.
- O que o senhor prometeu para a santa?

- Tenho que botar uma meia minha lá no altar. (BRUM, 2006, p. 30-31)

Com a inserção da voz de Adail no texto, Brum garante que o personagem passe a apresentar suas inúmeras nuances e, assim, sua personalidade adquire profundidade. Ele não é mais apenas um homem que sofre com a ironia de sua vida, mas um senhor que convive diariamente com preconceito social e racial, mas que tem objetivos, fé, sonhos. Portanto, com a entrevista repleta de perguntas não concretas que Brum faz com Adail, há uma verdadeira intenção de mostrar ao leitor que esse não é mais um personagem plano, simples, fácil de ser compreendido; mas um personagem redondo, cheio de inconsistências, multifacetadas e conflitos internos.

Nota-se, então, que a crônica-reportagem da autora vai muito além da função essencial informativa do jornalismo. Eliane Brum trabalha seus textos de forma que esses apresentem um elemento de transformação social, que valorizem o ser humano, independente de sua posição na estratificação social, e que contem suas histórias e aflições com toda a qualidade e profundidade que poderiam ser dedicados a um tema “de maior importância” aos olhos do jornalismo objetivo.

A escrita humanizada de Brum tem sequência garantida com o texto continuação da primeira história de Adail, intitulado O dia em que Adail voou. “Lembram do Adail? O carregador de malas do Aeroporto Salgado Filho? Voou.” (BRUM, 2006, p. 171) O texto é iniciado de maneira como se nos estivessemos lembrando de um velho conhecido, uma pessoa de carne, osso e sentimentos, e não uma notícia antiga dos jornais. O “dia seguinte” (termo usado pela própria autora para as continuações de suas reportagens) traz uma narrativa leve, despida de estranhezas e pré-julgamentos, do tão sonhado dia em que nosso protagonista viajou de avião com sua esposa, patrocinado por uma empresa aérea.

O diálogo presente no texto, além de mais uma vez complementar o entendimento do leitor sobre a história, torna possível garantir maior veracidade ao fato narrado e assim, mais uma vez, o processo de identificação do leitor se concretiza. A autora faz questão de manter a informalidade da linguagem oral, a fim de reforçar traços da personalidade de suas personagens impressas por meio da fala.

- Nem tô acreditando que tô aqui – disse Adail para Cedir.

- Então pisa no chão, homem, porque tu tá mesmo – garantiu a esposa.
(BRUM, 2006, p. 174)

É fácil perceber a transformação das fontes do fato em personagens, protagonistas de suas afortunadas ou desafortunadas histórias de vida. Ao ler um texto de Brum, o espaço para diálogo é sempre presente. O leitor dialoga com os personagens apresentados e até mesmo com a própria autora. Comove-se com o drama, as alegrias e reviravoltas da história. Esse

enredo, por assim dizer, adquire o mesmo papel de entreter das narrativas literárias, com a diferença de que trata de pessoas e dilemas reais. É importante ressaltar, porém, que a humanização textual não é sensacionalista, é apenas a maneira com que o olhar do repórter enxerga o outro. Esse olhar diz respeito à capacidade de observar o que há de diferente, ou especial, em histórias comuns. E para observarmos essas coisas ditas “comuns”, o extraordinário de cada vida ordinária, é necessário somente manter os olhos abertos. Esse olhar que se atém ao que (quase) ninguém vê é, de acordo com a expressão cunhada por Brum, o “olhar insubordinado”.

2. “Enterro de pobre” e “Depois da filha, Antonio sepultou a mulher”

“Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida.” (BRUM, 2006, p. 36) Com essa constatação estarrecedora se inicia o mais comovente texto da jornalista Eliane Brum, que dá o tom ao restante da narrativa. A personagem da vez é Antonio Antunes, “um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele”, que sepulta o filho morto no ventre da mãe. Esse Antonio, representante de muitos vagando pelo Brasil, é apresentado com grande densidade psicológica, se provando mais uma das personagens redondas nas crônicas-reportagens de Brum.

Segundo a reportagem, novamente direcionada pelo foco do olhar da autora, o recém-nascido provavelmente não teria morrido se os pais tivessem recursos ou fossem atendidos com melhor cuidado pelo sistema público hospitalar.

Ele descascava eucalipto numa sexta-feira quando a mulher sentiu a quentura do sangue escorrendo pelas pernas. Ela velava pela saúde da filha de seis anos, uma meninazinha que jamais caminhou, quando avisou a moça do hospital do que se passava no seu ventre. Foi despachada para casa, com a explicação de que não era nada. O sábado mal tinha nascido quando Antonio carregou a mulher de volta à casa de saúde. No final da manhã, quando pouco tinha sido feito, Antonio venceu sua humildade atávica e ameaçou chamar a polícia. Então exportaram os dois a Porto Alegre, onde chegaram tarde demais. Salvaram a mãe, o bebê estava morto. Desde quando, não se sabe. (BRUM, 2006, p. 37-38)

Nesse texto, fica clara a maneira com que Brum cumpre sua função no jornalismo-cidadão, de fiscalizar, informar e denunciar problemas recorrentes na sociedade. A autora usa uma pessoa como projeção para muitos outros que dividem o mesmo destino trágico da personagem. A pobreza, a desigualdade e o sofrimento são retratados a partir de um recorte específico que se aplica universalmente. É o real enquadrado por meio dos olhos e da escrita de Eliane Brum. A questão social levantada aqui recebe um enfoque totalmente novo

quando, em vez de transformar essa morte em estatística, a autora mostra a dor real de um pai ante o triste destino de seu filho. No parágrafo acima, também é possível notar, mais uma vez, a preferência de Brum em narrar suas histórias como narradora onisciente.

O texto é profundo, subjetivo, humano e, como não poderia deixar de ser, parcial. Brum se insere no texto, e deixa transparecer sua comoção, desolamento e frustração pelo fato que narra. Em determinado momento, a autora chega a dizer: “Esse texto poderia acabar aqui, porque tudo já estaria dito. Mas às vezes é preciso contar uma história de mais de um jeito para que seja entendida por inteiro.” (BRUM, 2006, p. 36) Assim, Brum tenta captar o sentimento humano para o foco dos acontecimentos, por meio da imersão no universo do outro. Para a produção dessa narrativa, Eliane Brum também lança mão de artifícios metalinguísticos na elaboração lúdica do discurso:

Quando a terra cobriu a cova rasa do filho, o pai soube que seu coração permaneceria insepulto. Porque Antonio Antunes descobriu naquele momento que uma cova rasa em um caixão doado, semeado em um cemitério de lomba, seria o destino dele, dos filhos que sobreviveram e dos netos que ainda estão por vir. Como foi a sina dos seus pais e dos seus avós antes dele. E foi ao alcançar o sopé do Campo Santo, depois de enterrar o filho sem nome, que Antonio pronunciou a sentença com a cabeça e a chama dos olhos extinta pelas lágrimas. E por um rosário de sofrimentos que é muito capaz de ter começado ainda antes da descoberta do Brasil. Antonio Antunes disse:

- Esse é o caminho do pobre. (BRUM, 2006, p. 36)

Expressões como “coração insepulto” e “rosário de sofrimentos” refletem uma linguagem poética, carregada de uma pluralidade de significados, característica muito presente na escrita literária. Diferentemente do utilizado na história de Adail, a única fala presente em Enterro de Pobre é a singela frase de Antonio, porém carregada de significado. A falta de diálogos garante a densidade necessária ao texto trágico.

Em todos os textos de Eliane Brum, no entanto, é perceptível que a autora utiliza um recurso primordial do jornalismo aprendido nas cartilhas. Tal ferramenta garante maior veracidade aos fatos narrados: o rigor na apuração.

O estado de Lizete era gravíssimo. Devido à demora no atendimento, ela estava como o que se chama de coagulopatia de consumo – todos os elementos que atuam na coagulação migraram para o local da hemorragia, deixando a descoberto os outros órgãos do corpo, inclusive o cérebro. No dia seguinte, domingo, 20, ela foi transferida ao Hospital Conceição porque precisava de uma UTI. No dia 23, foi levada ao Cristo Redentor,

especializado em neurocirurgia. Uma tomografia revelou edema cerebral intenso e hipertensão endocraniana. No dia 25, entrou em coma. Morreu às 9h20min do último domingo, na UTI do Cristo Redentor. O deslocamento prematuro de placenta é um problema grave na gestação, mas faz parte da rotina das maternidades (BRUM, 2006, p. 167)

O trecho acima foi retirado de *Depois da filha, Antonio sepultou a mulher*, continuação do texto original. Aqui, nota-se a predominância de uma apuração minuciosa, que confere ao texto aspecto usual do jornalismo objetivo. Ainda assim, a abordagem extensiva dos fatos também é marca registrada do jornalismo literário, uma vez que esses detalhes garantem o maior entendimento do leitor sobre o tema e, conseqüentemente, maior identificação. A riqueza na descrição da cena só é possível mediante um trabalho de observação e sensibilidade do jornalista. A narrativa de Eliane Brum causa impacto, pois não apenas conta o fato. Existe uma perspicácia narrativa, um olhar humano que filtra e capta o que merece ser mostrado, existe a presença do simbólico e da subjetividade. Isso é jornalismo literário e só se faz possível e acessível através das ricas personagens presentes no seu texto.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na orelha de *A vida que ninguém vê*, Brum exemplifica sua maneira de fazer jornalismo em poucas palavras: “É o avesso do jornalismo padrão” (2006). O jornalismo literário é, realmente, o avesso do jornalismo padrão, uma vez que se despe das orientações de todo e qualquer manual jornalístico a fim de garantir uma experiência nova ao leitor que passa a ter acesso não mais a uma notícia, mas a uma história, com direito a todos os seus elementos. O presente artigo conclui que jornalismo literário nada mais é do que um experimento que deu certo: uma mescla de características do campo da literatura e do jornalismo, que garante maior empatia do leitor. A união dessas duas vertentes é completamente plausível, já que ambas oferecem artifícios que podem auxiliar numa melhor representação da realidade, sem deixar de lado seu encanto.

Conclui-se também que, pela análise do objeto de estudo, é perceptível que a transformação de fontes em personagens é vital para a prática do jornalismo literário. O aprofundamento na pessoa da narrativa possibilita a criação de um perfil mais completo e dinâmico do entrevistado. Pelo uso desse artifício se pode conseguir um texto mais humanizado, mais sensível e, assim, de mais fácil identificação para quem o lê. Os leitores sentem empatia pelas personagens e se enxergam nelas. Dessa maneira, a história narrada é muito mais real e impactante. O jornalista, ao ver sua fonte como protagonista da própria

história, adquire a função de observador da natureza humana, e assim a possibilidade de reflexão sobre temas humanos aumenta significativamente.

O que se pode notar pela análise dos textos, entretanto, é que mesmo a narrativa mais literária deve manter características próprias do jornalismo de qualidade, como o uso de vocabulário de fácil entendimento, a fidelidade à fonte e a boa apuração dos fatos. Tais exigências garantem que o texto se mantenha verossímil e acessível a todos os tipos de público.

Outro ponto importante a constatar é que um texto humano e diferenciado como o de Brum só é possível mediante a aproximação do jornalista no universo que quer retratar. É necessário ter uma pluralidade de vozes, escutar fontes que poderiam ser desconsideradas e não considerar somente aquelas oficiais. É preciso ouvir a comunidade e ver de perto os seus problemas e investigar. Enfim, para manter o olhar atento é necessário relacionamento humano e, portanto, sair às ruas e considerar o que acontece fora do conforto da redação.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática, 1998.

BRUM, Eliane. A Vida que Ninguém Vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CANDIDO, Antônio. A Personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSTA, Cristiane. Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FORSTER, E. M. Aspectos do Romance, trad. Sérgio Alcides, São Paulo, Globo, 2005.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. Elementos do jornalismo, o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2004.

MELO, José Marques de. Para uma leitura crítica da comunicação. 1. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.

PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo: Contexto, 2006.

E-MAIL PARA CONTATO

Aluna: jessica071092@hotmail.com / Orientador: andre.santoro@mackenzie.br